

# Bons ventos reforçam investimentos lusitanos no Brasil

por Victor Abramo

Quarto maior operador mundial de energia eólica, o Grupo EDP (Energias de Portugal) escolheu o Brasil, através de sua subsidiária EDP Energias do Brasil, para realizar investimentos da ordem de R\$ 1 bilhão por ano nos próximos três anos. Os projetos incluem a compra ou construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), termelétricas a gás e de usinas de geração de energia elétrica através de biomassa ou pela via eólica.

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA à **TN Petróleo**, o vice-presidente de Novos Negócios da EDP Energias do Brasil, Miguel Setas, diz que a decisão de investir em geração eólica no Brasil baseou-se no elevado potencial para esta fonte de energia existente no país, aliado ao fato de o grupo português deter um importante *know-how* neste segmento, o que flexibiliza e encurta prazos de instalação.

Para o desenvolvimento do setor no Brasil, o executivo defende a adoção de uma política de longo prazo, com o estabelecimento de metas claras e uma política de incentivo à instalação de um *cluster* industrial, de forma a permitir o crescimento de uma indústria nacional de equipamento de última geração para usinas eólicas e reforçar a competitividade do país no setor. De acordo com Setas, para que todo esse planejamento tenha sucesso, porém, é necessário criar condições

adequadas para que tais investimentos sejam devidamente remunerados por meio de uma política de preços.

**TN Petróleo – Em junho, a EDP Energias do Brasil anunciou a criação de uma empresa destinada a investimentos na geração eólica (EDP Renováveis do Brasil/EDPBR), e, quase ao mesmo tempo, informou sobre a aquisição da Central Nacional de Energia Eólica S/A (Cenaeel). O que levou o grupo a dar tamanha importância à geração eólica dentro de seu portfólio no Brasil?**

**Miguel Setas** – São três as razões fundamentais para termos decidido investir na geração eólica no Brasil. Primeiramente, porque existe no Brasil um elevado potencial para esta fonte de energia. Estima-se que o potencial eólico brasileiro ultrapasse os 140 GW de potência instalada. Costumamos

dizer que é o equivalente, em termos de potência instalada, a dez usinas de Itaipu.

Em segundo lugar, porque o setor energético propicia tal investimento neste momento. No balanço energético nacional existe um déficit estrutural de energia para os próximos anos. A energia eólica permite tempos de implantação relativamente curtos (de um a dois anos), quando comparados com outras fontes de energia (uma usina hídrica, por exemplo, leva mais de cinco anos para ser implantada), que facilitariam o reforço rápido da oferta de nova capacidade no sistema.

Finalmente, porque o Grupo EDP é hoje o quarto maior operador mundial de energia eólica, o que nos garante um importante *know-how* neste segmento, e um acesso preferencial ao restrito mercado internacional de fornecedores de equipamento. Em suma, existe potencial,



ESTIMA-SE QUE O POTENCIAL EÓLICO BRASILEIRO ULTRAPASSE OS 140 GW DE POTÊNCIA INSTALADA. COSTUMAMOS DIZER QUE É O EQUIVALENTE, EM TERMOS DE POTÊNCIA INSTALADA, A DEZ USINAS DE ITAIPU.



existe necessidade e nós temos fortes capacidades. A criação da EDP Renováveis Brasil e a aquisição da Ceneel foram os primeiros passos do grupo no mercado brasileiro.

**Fala-se no interesse da EDPBR em desenvolver novos projetos no setor, e especificamente que pretende desenvolver em parceria com a Cemig estudos de viabilidade para construção de um parque eólico com potencial de 500 MW em Minas Gerais e no Espírito Santo. Pode, por favor, detalhar este e outros projetos do grupo no curto e médio prazo?**

A EDP Energias do Brasil estabeleceu com a Cemig uma parceria para o desenvolvimento conjunto de projetos eólicos que podem atingir cerca de 500 MW de potência instalada. Esta parceria incide fundamentalmente em Minas Gerais. São projetos *greenfield*, ou seja, que estamos desenvolvendo em parceria desde a identificação das áreas com maior vocação para a geração eólica até a construção. No Espírito Santo assinamos também um Protocolo de Colaboração com o Governo do Estado para o estudo e possível implantação de mais de 200 MW em potência eólica.

Atualmente, estudamos ainda outros projetos, que estando numa fase mais avançada de desenvolvimento, poderiam acelerar o nosso crescimento neste segmento. Portanto, nossa estratégia se reparte entre a aquisição de projetos em operação, como foi o caso da Ceneel, a aquisição de projetos em fase avançada de desenvolvimento e a implantação de projetos *greenfield*. O objetivo é podermos conquistar uma presença relevante no mercado brasileiro de energia eólica.

**Nesta área, a iniciativa privada vem dando mostras de que pretende in-**



A EDP ENERGIAS DO BRASIL ESTABELECEU COM A CEMIG UMA PARCERIA PARA O DESENVOLVIMENTO CONJUNTO DE PROJETOS EÓLICOS QUE PODEM ATINGIR CERCA DE 500 MW DE POTÊNCIA INSTALADA.



**vestir pesado, mas muitas vezes esbarra em dificuldades como a falta de estímulo por parte do governo e a dificuldade em obter equipamentos na indústria nacional. No seu entender, o que está faltando para o país aproveitar, de fato, seu enorme potencial eólico?**

Como já referimos, o potencial eólico brasileiro é muito elevado e o setor elétrico precisa de mais capacidade de geração. No entanto, para que os investidores, como o Grupo EDP, possam iniciar suas operações é necessário criar as condições adequadas para que esses investimentos sejam devidamente remunerados.

Em nosso entender, passa pela definição de uma política de longo prazo de desenvolvimento desta indústria, com o estabelecimento de metas claras e ambiciosas que sinalizem devidamente a aposta do país neste setor. Por um lado, deverão ser criadas condições para a venda de energia eólica a preços que permitam rentabilizar os investimentos. Os anunciados leilões específicos para energia eólica deverão dar uma resposta a esta necessidade. A sua

eficácia dependerá da potência que vier a ser contratada nestes certames e dos níveis máximos de preço a serem estabelecidos.

Por outro lado, é necessário estimular o desenvolvimento de um *cluster* industrial que permita o crescimento de uma indústria nacional de equipamento e reforce a competitividade do setor. O Brasil tem *know-how* e boas credenciais em setores que requerem o mesmo tipo de capacidades, como é o caso da aeronáutica. Por isso, acreditamos que existe potencial para o desenvolvimento de um forte *cluster* industrial na energia eólica.

**A EDP Renováveis Brasil certamente trabalha com alguma estimativa de crescimento do setor no país. Pode nos falar sobre isso? Em quanto a empresa espera ver o setor crescer no Brasil, e em quanto deste crescimento pretende participar?**

As estimativas das fontes oficiais, em particular do Plano Nacional de Energia, apontam para uma potência eólica de 5.000 MW em 2030. Outras fontes apontam para um desenvolvimento mais acelerado do mercado eólico. Naturalmente que na EDP trabalhamos com cenários. O nosso investimento dependerá das condições que forem sendo criadas para o desenvolvimento do setor. O que podemos anunciar, neste momento, é que queremos ter uma posição de relevo neste segmento, consonante com a nossa posição no mercado mundial de energia eólica.

**O mercado brasileiro tem atraído também grandes empresas como a Bioenergy, a AES, a australiana Pacific Hydro, a francesa Cegelec e, mais recentemente, a argentina Impsa. Como a EDP Renováveis Brasil pretende enfrentar esta concorrência? Em que tipo de diferencial aposta?**



Acreditamos que nosso diferencial se baseia em quatro fatores fundamentais. Em primeiro lugar, porque a EDP é a quarta maior operadora mundial de energia eólica, tendo experiência adquirida ao longo dos anos em diferentes geografias e um acesso facilitado ao restrito mercado de equipamento. Em segundo lugar, detemos um bom conhecimento do mercado brasileiro – operamos no Brasil há mais de dez anos e isso nos dá um conhecimento profundo do setor elétrico. Em terceiro lugar, o fato de sermos uma companhia integrada, com geração, distribuição e comercialização. Essa integração nos abre opções de desenvolvimento, nomeadamente com a comercialização, que não estão acessíveis a operadores que não possuam atividade em toda a cadeia de valor. Finalmente, a solidez financeira do Grupo EDP nos dá a capacidade de investimento para podermos desenvolver uma posição consistente neste mercado.

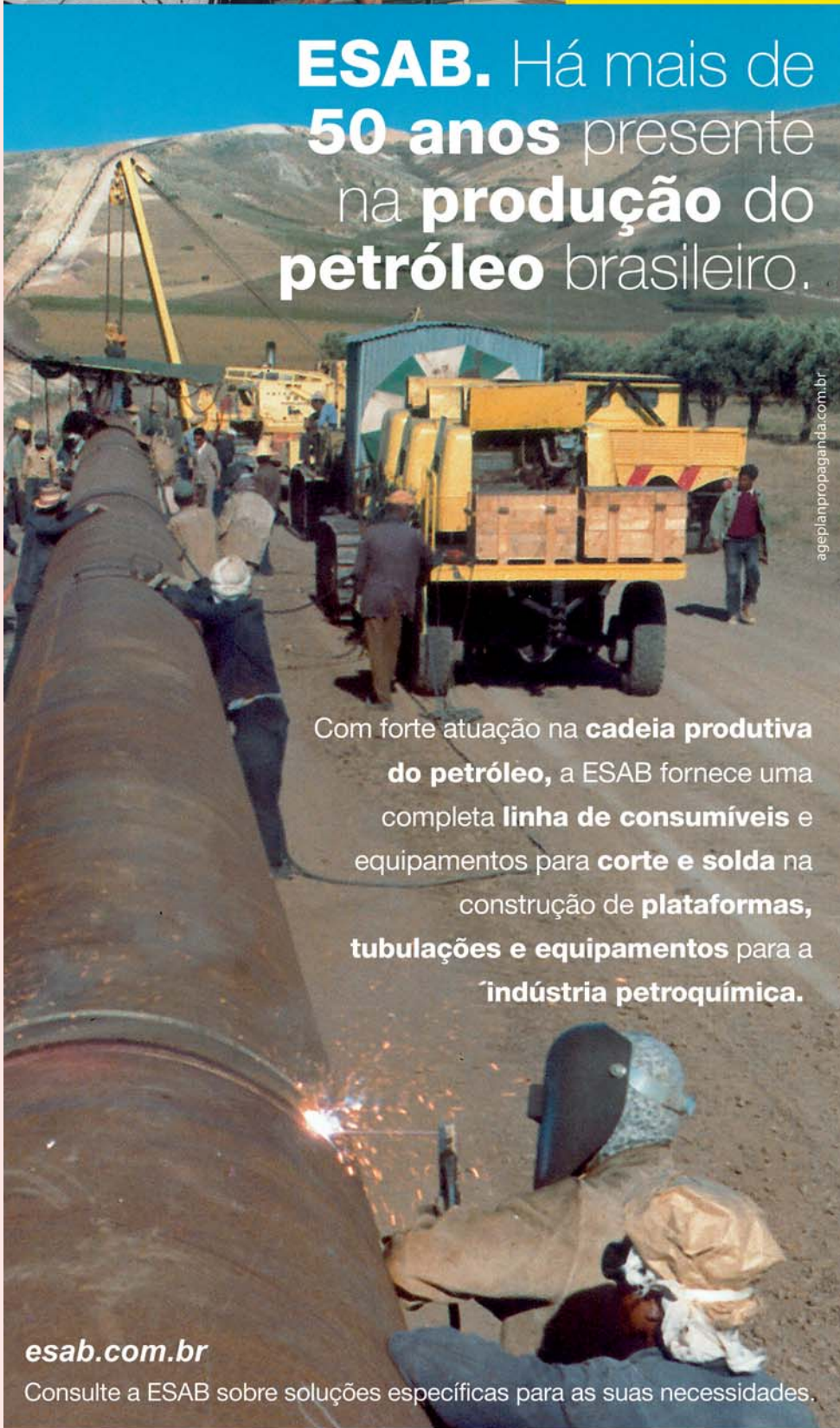
Os principais estudiosos do assunto 'geração eólica' apontam a falta de investimento em inovação tecnológica como principal obstáculo para o desenvolvimento do setor no Brasil. Como o senhor vê esta questão, e de que forma acha que deve ser atacada?

Acreditamos que uma política de longo prazo para o desenvolvimento do setor trará, a seu tempo, os investimentos em inovação tecnológica, em pesquisa e desenvolvimento, em formação e qualificação de profissionais.

No seu entender, o Proinfa vem cumprindo seu objetivo principal, que seria estimular e viabilizar projetos de geração de energia através de fontes renováveis?

O Proinfa foi o primeiro esforço estruturado do governo federal para promover o segmento eólico. Sabe-

**ESAB.** Há mais de **50 anos** presente na **produção** do **petróleo** brasileiro.



Com forte atuação na **cadeia produtiva do petróleo**, a ESAB fornece uma completa **linha de consumíveis** e equipamentos para **corte e solda** na construção de **plataformas, tubulações e equipamentos** para a **indústria petroquímica**.

[esab.com.br](http://esab.com.br)

Consulte a ESAB sobre soluções específicas para as suas necessidades.

Belo Horizonte (MG)	Tel.: (31) 2191-4970	Fax.: (31) 2191-4976	vendas_bh@esab.com.br
São Paulo (SP)	Tel.: (11) 2131-4300	Fax.: (11) 5522-8079	vendas_sp@esab.com.br
Rio de Janeiro (RJ)	Tel.: (51) 2141-4333	Fax.: (21) 2141-4320	vendas_rj@esab.com.br
Porto Alegre (RS)	Tel.: (51) 2121-4333	Fax.: (51) 2121-4312	vendas_pa@esab.com.br
Salvador (BA)	Tel.: (71) 2106-4300	Fax.: (71) 2106-4320	vendas_sa@esab.com.br



mos que o programa se apresentou com algumas condicionantes que limitaram a sua eficácia, mas é uma iniciativa que tem o mérito de ter sido a primeira semente do mercado eólico. Dos cerca de 1.4 GW de projetos eólicos aprovados ao abrigo do Proinfa, no final de 2007 estavam em operação um pouco mais de 0,2 GW. Isto significa que ainda subsiste algum potencial por aproveitar, mas o caminho está iniciado.

**Alguns especialistas falam em certo desinteresse do governo pela geração eólica, e dizem que muitos projetos passam anos esquecidos nas gavetas do Ministério de Minas e Energia. O senhor concorda com essa visão?**

O Brasil é um país com abundantes recursos naturais, em particular, água. É natural que, até hoje, a prioridade dos governos tenha recaído no desenvolvimento da hidreletricidade, cujos custos de implantação são, por ora, inferiores aos da energia eólica. No entanto, sabemos que o desenvolvimento de usinas hidrelétricas se depara atualmente com fortes condicionantes ambientais e por isso a matriz energética brasileira será progressivamente diversificada com outras formas de energia, para além da



SABEMOS QUE A ENERGIA EÓLICA PRECISA DE UM PREÇO DE CERCA DE 200 REAIS/MWH PARA SER RENTABILIZADA. ESSE VALOR É HOJE IDÊNTICO AO CUSTO QUE OS CONSUMIDORES BRASILEIROS ESTÃO PAGANDO PELA ENERGIA GERADA PELAS TÉRMICAS A ÓLEO COMBUSTÍVEL.



hídrica. A eólica tem aí um papel fundamental.

O Ministério de Minas e Energia já sinalizou que pretende lançar um leilão específico para energia eólica no primeiro semestre de 2009. E é nesse contexto que algumas associações do setor nas quais participamos, em particular a Apine e a ABEEólica, já estão trabalhando em conjunto com a Empresa de Pesquisa Energética para a estruturação desse novo enquadramento para a energia eólica.

**Um dos principais argumentos de quem defende outras fontes é o alto custo da geração de energia por fonte eólica. De que forma o senhor responde a esta maneira de pensar? Já é possível antever uma diminuição destes custos?**

Em nosso entender, e de muitos agentes do setor, esses argumentos já não são válidos no atual

contexto de mercado. É importante pensar que a energia eólica é complementar da energia hidrelétrica, e que essa complementaridade pode significar economia de água nos reservatórios das grandes hidrelétricas (sobretudo no Nordeste). Ou seja, que a energia eólica permite evitar o despacho das térmicas emergenciais (a óleo combustível) com um custo muito elevado. É interessante consultar o estudo da professora Leontina Pinto, que mostra que a disponibilização de 600 MWmed de eólicas permitiria poupar quatro bilhões de reais no custo operativo total, por meio da redução do despacho de térmicas, no período de 2009/2011.

Outra constatação importante diz respeito ao próprio custo unitário da energia. Sabemos que a energia eólica precisa de um preço de cerca de 200 reais/MWh para ser rentabilizada. Esse valor é hoje idêntico ao custo que os consumidores brasileiros estão pagando pela energia gerada pelas térmicas a óleo combustível.

A consultoria PSR e a Abraceel demonstraram recentemente que uma vez que o despacho real das térmicas é muito superior ao estimado para efeitos do leilão de energia, que na prática se as usinas térmicas que ganharam o certame de setembro último fossem despachadas hoje, custariam ao consumidor brasileiro muito próximo dos 200 reais/MWh. Ou seja, a energia eólica já se tornou competitiva em face das alternativas que integram a matriz energética brasileira.

Por fim, é interessante também refletir sobre as vantagens geoestratégicas e ambientais de um parque gerador com forte componente eólico. Estamos falando de um combustível ambientalmente neutro e totalmente independente da instabilidade política, econômica e social que domina o mundo. ■